



Fazer contas em tempo de crise

O *open source* é reconhecido no mercado como uma alternativa aplicacional com uma relação custo-benefício positiva. Em tempos de contenção, esta poderá ser uma boa arma para convencer as empresas a explorar este mundo

Luísa Dâmaso | luisadamaso@revistas.cofina.pt

Embora não seja o único atractivo, o custo associado ao *open source* é muitas vezes uma bandeira para quem defende a disseminação destas tecnologias no ecossistema empresarial. Perante a crise económica que se instalou, são muitos os que apontam esta alternativa aplicacional como uma opção válida para reduzir a despesa com licenças, suporte e manutenção, a médio e a longo prazo.

A IDC diz que o impacto da crise económica na adopção de *software open source* é já visível. A consultora acredita que a conjuntura recessiva, que deverá estender-se aos próximos dois anos, está a fazer aumentar os níveis de utilização de *software open source* nas organizações nacionais, sendo a redução de custos de licenciamento a principal justificação apresentada. Os dados da consultora dão como certa esta realidade em cerca de 40% das empresas e indicam que este é um cenário evolutivo, dado o número de intenções de adesão.

Ainda assim, **José Magalhães Cruz**, professor do Departamento de Engenharia Informática da FEUP, diz que não é possível dizer com algum grau de certeza que efeito a crise actual tem ou terá sobre a utilização de *software* aberto por uma empresa portuguesa. «Aparentemente, muitos responsáveis desconhecem e estranham o *software* aberto, havendo outros que terão na em-



presa responsáveis informáticos com muito treino em *software* fechado ou bastante afeição a empresas de *software* deste tipo e que tenderão a resistir à mudança de ambiente», alerta o responsável.

Se esta adesão é mais sentida do lado das PME ou nas grandes empresas, o docente acredita que uma pequena ou média empresa com donos ou gestores fora da área específica da informática dificilmente se lembrará de questionar as vantagens do *software open source*, uma vez que todos os seus responsáveis provavelmente só

usam **Windows**. Um caso diferente será o de pequenas e médias empresas de base tecnológica, que provavelmente terão decisores que já foram expostos ao conceito de *software* aberto, pelo que poderão estar inclinados a usá-lo para, sem receio de perda de negócio, diminuir os custos de funcionamento das empresas.

Quanto às grandes organizações, já terão plena consciência das vantagens e poupanças que a adopção de *software* aberto lhes pode trazer. Nesta como noutra decisão, caber-lhes-á fazer os seus cálculos. «As ra-

zões que possam ter para não querer uma migração, total ou mesmo parcial, só delas são conhecidas, e terão mais que ver com parcerias estratégicas e conveniências muito próprias no valor de muitos euros do que propriamente com poupanças imediatas de muitos centavos», esclarece o professor do Departamento de Engenharia Informática da FEUP.

Por sua vez, **Luís Cordeiro**, professor convidado da **Universidade Católica do Porto**, considera que este tipo de decisões será mais fácil em pequenas empresas do que em grandes organizações. Um passo em direcção ao *open source* representa muito tempo em formação de recursos humanos, tempo esse que em grandes organizações tem um «impacto económico muito mais devastador do que em pequenas empresas, que podem fazer esta transição de forma gradual».

Embora a evolução vá acontecendo de forma progressiva e na mesma medida em que a informação sobre esta indústria liberal vai vencendo as barreiras, os especialistas alertam para a sobrevalorização da componente de redução de custos. «Este tipo de mudanças tecnológicas, tal como tantas outras, deverá ser feita de forma sustentada e estruturada, e não apenas por uma questão de poupança», defende **Francisco Nina Rente**, investigador da **Universidade de Coimbra**.

É verdade que tendencialmente permitirá poupanças, mas existem outras razões tão ou mais válidas para uma opção destas, como por exemplo o aumento do controlo tecnológico e a independência tecnológica, bem como uma maior abrangência ao nível do suporte e da evolução dos produtos. ■